



**tempo**. Editora Gradica. Lisboa - PT. p. 372 - 383. 2003.

RÉMOND, René. **Introdução à história do nosso tempo**. Editora Gradica. Lisboa - PT. 2003.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. *In*: REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.) **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v. V. 2, p. 109-164

SUZANNE Collins, a criadora. **Distrito 13**, [Data de publicação indisponível].

Disponível em: <<https://www.distrito13.com.br/conteudo/autora/>>. Acesso em: nov. 2023.

94

SUZANNE Collins desvenda Jogos Vorazes, 2012. **YouTube**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=aOIJfkCdvNQ&t=3s>>. Acesso em: nov. 2023.

VIGEVANI, Tulo. **Segunda guerra mundial**: O ambiente internacional que ameaça a paz gera a guerra e desencadeia o genocídio. p. 1 - 16. 1995.

VISENTINI, Paulo. A Guerra Fria. *In*: REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v.2, p.195-226. **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. V. 2, capítulo 6.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós**. Editora Aleph. 2021. São Paulo - SP.

ZENHA, Celeste (Org.). **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v. V. 2, p. 109-164.

---

## O AMANHÃ DO ONTEM – TEMPORALIDADE DISTÓPICA: UMA ANÁLISE DA OBRA *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO* À LUZ DE CATEGORIAS DE *FUTURO PASSADO*

Êmika Vitória Tavares Coêlho

UFCG-Campus Cajazeiras

[emika.vitoria@estudante.ufcg.edu.br](mailto:emika.vitoria@estudante.ufcg.edu.br)

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como propósito analisar as representações de futuro através do romance distópico *Admirável Mundo Novo* (1932), do escritor inglês Aldous Huxley, amparado nas categorias teórico-conceituais Koselleckianas presentes no livro “*Futuro passado – contribuições à semântica dos tempos históricos*” (1979) a fins de analisar o horizonte de expectativas que o levou no contexto do século XX a propor uma dita sociedade de estabilidade no romance. Assim, amparado a uma metodologia de abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica, foi possível observar como um autor de ficção captou e externalizou seu olhar para com o contexto a qual o permeava, fazendo uma crítica aos encaminhamentos da sociedade e apresentando suas percepções de futuro para a humanidade.

**Palavras-chave:** História e Literatura; Distopia; Horizonte de Expectativas; *Futuro Passado*.



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os séculos XIX e XX foram marcados por mudanças significativas no mundo. A formação e fortalecimento de regimes totalitários - nazismo e fascismo -, florescimento e desenvolvimento tecnológico, avanços científicos, guerras mundiais, revoluções e movimentos artísticos, teóricos, urbanísticos, socioculturais, etc. marcaram intensas novidades, e, juntamente a isso, fervilhava a necessidade de expor e problematizar as implicações dessa série de fenômenos à sociedade. No que tange maneiras de externalizar, criticar, problematizar e trazer à tona questões que pairavam sobre a realidade cotidiana de uma época, pode-se ter a arte e literatura como plano de fundo.

Obras ficcionais apresentam um universo de possibilidades narrativas, cenários, personagens e contextos de forma livre, ou seja, sem necessariamente estar ligada a realidade, porém, em certas medidas algumas podem ser embasadas perante os próprios contextos das mudanças da época em que foram escritas, e que mesmo com o caráter de possibilidades elas podem ser analisadas pelas relações com as conjunturas históricas do momento. É nesse sentido que no século XX, em meio a Primeira e Segunda Guerra Mundial, começa a aflorar um novo gênero literário que vem a ser chamado de ficção científica. Atrelados a crises sociais e econômicas, totalitarismo, repressões e tantos outros problemas, muitos escritores foram responsáveis por esse alavancar do gênero ficcional e os rodearam com críticas, problematizações e sátiras, como é o caso de Aldous Huxley, George Orwell, Margaret Atwood, Anthony Burgess, Philip K. Dick, Isaac Asimov e inúmeros outros.

Inicialmente sendo publicado em formatos de revistas chamadas *pulps*, a ficção científica abordava conceitos imaginativos, como alienígenas, robôs, mundos fantásticos, viagens no tempo, dimensões paralelas, fantasmas e tantas outras propostas variando conforme a criatividade do autor. Distanciando um pouco destas temos as distopias, cujo o diálogo era amparado muito mais na realidade, permeada por passado, presente e hipóteses de futuro, de forma que: “A Distopia é, mais além, um confronto com a realidade impossível mostrada nas obras, mas que dialoga com períodos anteriormente já conhecidos e que se mostrariam absurdos se estivessem apenas no âmbito da literatura.” (Lima, 2022, p. 23).

O escritor inglês Aldous Leonard Huxley, nascido em 1894, foi responsável pela escrita de diversos livros, contos, roteiros e ensaios muito famosos e difundidos em torno dessa



perspectiva, recebendo premiações e honrarias por estes, como é o caso do romance *Admirável Mundo Novo*, o qual, em 1959, recebeu premiação da Academia Americana de Artes e Letras. Vindo de berço da elite intelectual inglesa, Huxley desenvolveu um pendor pela filosofia e espiritualidade, atraindo-se pela ciência e literatura. Durante alguns anos de sua vida residiu na Itália em um momento que se alavancava o fascismo de Mussolini, fator que influenciou sua escrita trazendo destaque em torno do Estado autoritário e das consequências à liberdade do indivíduo.

Em seu romance distópico, *Admirável Mundo Novo* (1932), apresenta uma realidade futura, mais precisamente “no ano 600 da Era Fordiana”, (aproximadamente os anos 2500) na qual a sociedade é produzida massivamente em laboratórios – por isso a analogia a Henry Ford - e destinados a espécies de castas, a qual cada indivíduo era condicionado a uma função social determinada para assim manter as engrenagens do sistema vigente, moldando o comportamento humano. Dessa maneira acreditavam conseguir manter a estabilidade social em um mundo que não haveria dor, tristeza, cansaço ou lamentações, levando todos a viverem “na mais perfeita ordem”, exceto quando uma ou outra cabeça foge da realidade programática, rompendo o condicionamento.

A escolha do livro justifica-se pela criticidade de Huxley em torno da descrença social do século XX perante o pretendido progresso que se acreditava ao longo do paradigma historiográfico positivista, visto que mesmo diante de avanços científicos estes estavam servindo aos propósitos de grupos dominantes, sendo representado por um Estado em prol da estabilidade social a partir de uma sociedade do controle. Perante isso, o autor nos apresenta um futuro aparentemente inimaginável ao período, mas que ao longo do tempo foi se fazendo muito mais presente do que esperado, nos levando a uma realidade que parece ser um tanto quanto semelhante à nossa e plenamente possível de comparações mesmo tratando-se de uma ficção.

Passado, presente e futuro são temporalidades que permeiam a vida humana constituindo o que chamamos de tempo. Voltando-se ao futuro, encontramos uma instancia de eternas possibilidades, na qual não há como prever qual dentre tantas pensadas se tornará presente na próxima realidade, porém, mesmo sendo parte da incerteza, ele é permeado pela expectativa em torno do porvir, de forma que como aponta Georges Minois “Predizer é próprio



do homem. É uma dimensão fundamental de sua existência” (Minois, 2016, p. 1). Assim sendo, é possível realizar a análise de quanto o futuro à época, que hoje é o nosso passado, se faz presente, e por tal será utilizado como base teórica a categoria “horizonte de expectativas”, do historiador Reinhart Koselleck.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nas décadas de 1960-1970 afloram debates em torno de possíveis relações entre História-Literatura. Teóricos como Paul Veyne, Lawrence Stone, Paul Ricoeur e Hayden White tornam-se referências nessa discussão (Torres, 2020). No Brasil esta questão ganha notoriedade na década de 1990, com historiadores como Sandra Pesavento (2004), Nicolau Sevcenko (1983), e Sidney Chalhoub (2003), permeando nos campos entre a história social e/ou cultural, visto que o diálogo história e literatura nos propicia entender sobre comportamentos, hábitos, mentalidades, sensibilidades, valores, ideias e o imaginário de uma sociedade: “[...] a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (Pesavento, 2004, p.80, apud Martins, 2015).

A historiadora cultural brasileira Sandra Pesavento será referência fundamental para o uso de obras literárias na história. Em sua perspectiva:

História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. (Pesavento, 2006).

É possível perceber que a literatura funciona como forma de conhecer e adentrar em outros mundos dos quais não se teve contato. Permite-se imaginar em diferentes cenários e personagens, tramas da história e contextos, por tal, parto da concepção de considerá-las como narrativa, mas defendendo a existência de diferenças entre ambas. Quanto a seu uso como fonte histórica, embasada na premissa de Pesavento, o historiador tem o mundo à sua disposição, por isso, para converter determinado objeto em fonte basta alocar um tema e uma pergunta para problematizar aquilo que se quer extrair desta. (Pesavento, 2006).



Como destacado anteriormente, a História e Literatura se diferem. Sidney Chalhoub se sobressai em seus estudos de obras literárias para elucidar historicamente as conjunturas da época estudada, como por exemplo sua abordagem com livro “*Machado de Assis Historiador*”, publicado em 2003, apresentando análises do Brasil no século XIX a partir de um olhar machadiano à luz da História Social. Nas palavras de Chalhoub durante a gravação de uma entrevista do Programa História, realizado pela Jornalista Mônica Teixeira, ele aponta que “Não existe literatura fora da História” (Chalhoub, 2015), assim sendo, a História não é Literatura, mas a Literatura é parte constituinte da História.

A literatura apresenta formas de acessar o imaginário de diferentes épocas sendo permeada por uma narração de possibilidades, não tendo a obrigação e necessidade de ser verídica quanto a fatos, datas e figuras envolvidas. Já a história deve ser movida pela busca de uma aproximação ao que de fato ocorreu outrora, fundamentando-se em métodos em compromisso com seu ofício, por tal:

Neste campo temos também um narrador – o historiador – que tem também tarefas narrativas a cumprir: ele reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles, elabora uma trama, apresenta soluções para decifrar a intriga montada e se vale das estratégias de retórica para convencer o leitor, com vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido. (Pesavento, 2006).

No projeto que aqui se apresenta, o gênero literário analisado será um romance, com subgênero na ficção científica em um cenário distópico. Pela definição do dicionário online de português, configura-se como ficção científica a “narrativa inspirada pelo progresso da ciência e da tecnologia, e cujos lances, situados em geral no futuro, pretendem antecipar-se (e às vezes se antecipam) a novas descobertas científicas”. Quanto ao distópico, encara-se como um mundo com realidades diferentes da nossa, com formas de vida que parecem extremas e em cenários que causam certo impacto, seja por retratar uma vivência muito difícil para época ou por trazer as piores realidades que a humanidade pode chegar, podendo remeter a espécies de avisos para a sociedade.

Deste modo, mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram. (Martins, 2015, p.3892)



Como aponta uma epígrafe que marca o início de um capítulo da obra “*História da vida privada no Brasil – Vol. 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio*”, do historiador Nicolau Sevcenko: "Se você pretende compreender a sua época, leia as obras de ficção produzidas nela. As pessoas quando estão vestidas em fantasias falam sem travas na língua." (Helps, 1969, apud Sevcenko, 1999, p.514).

No que concerne o foco em uma temporalidade que dialoga passado, presente e futuro, tem-se que o conceito de tempo e temporalidade é interpretado e representado de diferentes formas pois varia entre culturas, épocas e sociedades. O historiador alemão Reinhart Koselleck nos apresenta em sua obra “*Futuro passado – contribuições à semântica dos tempos históricos*” (1979), uma linha pensamento que aborda instancias de tempo a partir das categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, permitindo uma das muitas compreensões dessa dita temporalidade, sendo o tempo, sobre essa perspectiva, uma criação histórica e por tal está sujeita a mudanças ao longo da história. A forma de sentir para com o tempo está intimamente ligada aos sujeitos e sua relação com a conjuntura política, econômica ou social de uma época, de forma que:

Cada uma das temporalidades – o passado, o presente e o futuro – pode imaginariamente se alterar, contrair ou se expandir conforme cada época ou sociedade, modificando-se também a maneira como são pensadas e sentidas as relações entre eles. (Barros, 2010. p.67)

O que nomeio como "temporalidade distópica" é pautada na perspectiva Koselleckiana de tempo histórico, então, bem como propôs Koselleck, considero o tempo "Não apenas como uma palavra sem conteúdo, mas também uma grandeza que se modifica com a história, e cuja modificação pode ser deduzida da coordenação variável entre experiência e expectativa" (2006, p.309), pois "todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas de pessoas que a viveram" (Koselleck, 2006, p.306)

Koselleck apontava que a humanidade começou a ter uma nova forma de lidar com o tempo na modernidade, considerando-a a partir de meados do século XVIII, pela mudança nas relações entre passado e futuro, marcada por eventos como a Revolução Francesa e a Revolução industrial. Como metodologia ele faz análise das alterações de conceitos como “história”, “revolução” e principalmente do conceito de “progresso”, a qual defende que este “[...] é o



primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu, em um conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa” (2006, p.320) para formular sua teoria de tempo histórico. Seguindo a tese apresentada em sua obra, o passado não era, na modernidade, mais necessário para se pensar o futuro, visto que não precisava se voltar ao passado para criar ou cogitar algo novo.

Dessa maneira, a tradição de história anteriormente aceita como “*magistra vitae*” foi sendo rompida pelo desacreditar em uma escatologia, linearidade, replicabilidade de fatos, gerando uma sociedade com um novo olhar temporal e novos horizontes de expectativa. O tempo histórico então é marcado pela tensão entre passado e futuro, tensão pois em sua tese “Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência” (2006, p.310),

Assim sendo, se seguirá como premissa nesse projeto a categoria “horizonte de expectativas” de Koselleck, definido por este como:

[...] a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (Koselleck, 2006, p.310).

A qual entende-se por isso um mundo de eternas possibilidades, possibilidades estas que em minha hipótese estão relacionadas ao presente vivido daquele a qual expressa. Assim, desenvolverei como o futuro de algo escrito no passado consegue se fazer presente, e por isso também dialoga com o “espaço de experiência”, visto como:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou não precisam mais estar presentes o conhecimento (Koselleck, 2006, p.309).

Além dos conceitos relacionados a tempo e ficção entra outra das pretensões do projeto, que é o diálogo amparado da percepção de futuro do Huxley com a nossa realidade. Vistas a fazer um recorte mais definido sobre o que trabalhar, volta-se aqui a ligação entre o uso da droga soma, “droga da felicidade”, com o cansaço da nossa sociedade atual a partir da busca por produtividade.



Na engrenagem do sistema capitalista é como se os indivíduos fossem condicionados a fazer de uma forma e não pudessem fazer diferente, pois esse diferente implicaria em consequências a sua qualidade de vida, como o desemprego. Em *Admirável Mundo Novo* é dito que “Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar.” (Huxley, 2014, p.36). Dessa maneira, entende-se que a população era condicionada a realizar determinadas atividades impostas, pregadas e repetidas durante o sono, para que tudo seguisse o que era considerado como a mais perfeita ordem e assim se mantivesse a dita estabilidade social, pensamento que se assemelha ao que temos na atualidade.

[...] com suas tentações e seus remorsos solitários; com todas as suas doenças e intermináveis dores que os isolavam; com suas incertezas e sua pobreza – eram forçados a sentir as coisas intensamente. E, sentindo-as intensamente (intensamente e, além disso, em solidão, no isolamento irremediavelmente individual), como poderiam ter estabilidade? (Huxley, 2014, p.63).

Com essa representação é possível notar como o autor de ficção conseguiu captar e abordar a imposição capitalista com seus desejos de assimilar os trabalhadores quase que como máquinas produtivas, inovadoras, ativas, felizes e eficientes. Quando não conseguem estão sujeitos a serem descartados. Nesse sentido, não há muito tempo para pensar ou fazer diferente, e por isso não se relaciona apenas as leis de mercado, mas também a mecanismos que controlam a sociedade, sendo os avanços tecnológicos um desses.

A pós-modernidade, definida e/ou criticada por estudiosos das ciências humanas como o filósofo François Lyotard e o sociólogo Zygmunt Bauman, corresponde a uma estrutura sócio-cultural marcada pelo advento da globalização, consumismo, capitalismo, individualismo, e permeada por uma série de mudanças nos âmbitos políticos, culturais, sociais e econômicos. Vinculada a sociedade pós-moderna alguns termos também se tornam comuns e facilmente pronunciáveis no vocabulário atual, como é o caso de “cansaço”, “burnout” e “exaustão”, marcando a vida do indivíduo, e como defesa se amparam na medicalização, que na obra é representado pela droga “soma”. Do latim “*exhaustus*”, o termo se relaciona ao ser que se encontra “Excessivamente cansado; que está esgotado e cheio de cansaço, de fadiga”.

Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, a enfermidade da nossa sociedade não é bacteriológica e por tal não pode ser tratada apenas com antibióticos e imunizantes, mas sim neuronal, pois se encontra adoecida em sensações, pensamentos e desmotivações. Han aponta



o excesso de positividade e a auto coação, a partir de uma cobrança de si sobre si mesmo em busca de maior produtividade, eficiência e desempenho, como fatores que nos levam a essa dita “sociedade do cansaço” no século XXI, que tem como prisma o sistema capitalista e os desenhos de uma pessoa multitarefas (Han, 2015). Segundo ele:

No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. (Han, 2015, p. 24-25)

Assim, apresenta-se as categorias bases que serão destrinchadas na proposta e encaminhadas a monografia, bem como suas significações e qual vertente pretende-se aqui seguir. Ainda deverão ser acrescentados e aprofundados alguns teóricos, principalmente no que se refere ao diálogo com a nossa atualidade a partir da concepção pós-moderna.

## **COSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa maneira, vemos como um autor que viveu no século XX imaginou um futuro a partir do controle da sociedade através de uma espécie de elite intelectual que a instiga a buscar uma estabilidade e felicidade enquanto ignora sentimentos de individualidade, tristeza, doenças e até mesmo a própria liberdade. Outro dos pontos é o avanço científico desenfreado, que conseguiria até mesmo produzir e condicionar massivamente seres humanos em laboratórios.

Através de sua escrita Huxley consegue fazer uma crítica social a todas as mudanças aceleradas da sociedade, e como estas poderão nos levar a um mundo que controla a natureza do homem, o condiciona, retira suas individualidades, humanidades e seu pensamento crítico. Dessa forma ele leva o leitor a refletir sobre a crença cega de um mundo perfeito, ideal e totalmente feliz, quase que em uma sociedade hedonista.

Enquanto isso, a categoria de “horizonte de expectativas” de Koselleck nos faz compreender o quanto as características de um momento fazem e trazem e a sociedade formas de se reler e absorver o passado, bem como de se enxergar e predizer o futuro, sendo esta uma prática tanto individual quanto coletiva.

## **REFERÊNCIAS**



BARROS, José. Rupturas entre o Presente e o Passado: Leituras sobre as Concepções de Tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Páginas de Filosofia**. 2. 2010. DOI: 10.15603/2175-7747/pf.v2n2p65-88.

UNIVESP. **História**: História e Literatura – Sydney Chalhoub. São Paulo: UNIVESP, 2015. 1 vídeo (30:52 min). Disponível em: <https://youtu.be/e5jnTFQg6as>. Acessado em 30/04/2023.

COSTA, Vidal A. A.. A PERTINÊNCIA DO IRREAL: RECONHECENDO FACES INEXPLORADAS NA FICÇÃO ESPECULATIVA. **Revista Letras**, [S.l.], v. 62, abr. 2004. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2906/2388>>. Acesso em: 06 mar. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v62i0.2906>.

ECCARD, Ana Flávia Costa; MARAFON, Renata. Uma discussão sobre a sociedade do imediatismo a partir de Byung-Chul Han. **Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro. Volume XXIV-Dezembro/2021.

FACHIN, Patrícia. O discurso sobre estresse que esconde a emergência de produtividade. Entrevista especial com Bruna Bakker. **Instituto Humanitas Unisinos- IHU**, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/604568-o-discurso-sobre-estresse-que-esconde-a-emergencia-de-produtividade-entrevista-especial-com-bruna-bakker>.. Acesso em: 30/01/2023.

GIAROLA, F. R. Experiências do tempo futuro através da ficção científica: análise das mudanças de percepção do porvir da Guerra Fria ao século XXI. **Revista de História**, [S. l.], n. 178, p. 1-31, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.145176. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/145176>. Acesso em: 4 mar. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**; Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 1. ed. atual. Biblioteca Azul, 2014. ISBN 978-8525056009

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, G. M. **Entre o impossível distópico e o real histórico: um estudo literário-político de como a literatura combateu o totalitarismo ao longo dos anos**. Trabalho de Conclusão de Curso (GRADUAÇÃO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Letras, Fortaleza, 2022.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: **Anais do VII Congresso Internacional**



de *História*, XXXV Encontro de Geohistória Regional e XX Semana de História. 2015. p. 3889-3901.

MINOIS, Georges. **História do futuro**: dos profetas à prospectiva. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates**, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 31–45, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220>. Acesso em: 4 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

PETRONILHO, L. H. M. As reminiscências do futuro no passado: uma análise histórica de futuros hipotéticos em Distopias e Ficções Científicas clássicas do século XX. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 356–383, 2022. DOI: 10.35699/2316-770X.2021.33521. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/33521>. Acesso em: 4 mar. 2023.

SILVA, R. M. Ensaio sobre o livro “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley: uma proposta crítica contemporânea. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 245–251, 2020. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v9i2.2811. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2811>. Acesso em: 01 jan. 2023.

SEIFFERT, A. S. Os robôs de Asimov e o futuro da humanidade. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 24, p. 374–393, 2018. DOI: 10.46752/anphlac.24.2018.2877. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2877>. Acesso em: 4 mar. 2023.

TORRE, M. M. C. História e literatura: reflexões teóricas. **História, histórias**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 95–114, 2020. DOI: 10.26512/rhh.v8i15.25683. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/25683>. Acesso em: 8 maio. 2023.

---

## O CONSUMO DE DRAMAS SUL-COREANOS NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA

Jacqueline de Souza Magalhães  
UFCG  
Jac.souza.maga@gmail.com